

José Mattoso (1933-2023): *in memoriam*. José Mattoso no olhar dos investigadores do CIDEHUS

Em cima do acontecimento...

Acabei de tomar conhecimento da morte de José Mattoso. Noutra altura saberemos voltar a ler e a comentar a sua obra. Agora só quero deixar um testemunho pessoal. Trabalhei com o Prof Mattoso no contexto da obra sobre o património de influência portuguesa no mundo que ele coordenou e a Gulbenkian publicou.

Todos os textos que lhe entregava eram lidos com atenção e rigor, mas o que mais me tocava era a sua delicadeza pessoal e o lado afetuoso que ele mantinha das nossas relações.

Até sempre Professor José Mattoso.

Filipe Themudo Barata, 8 de Julho de 2023

Depoimento:

Da troca de ideias sobre uma tese de mestrado à inventariação dos fundos conventuais da Biblioteca Pública de Évora

Conheci pessoalmente o Professor José Mattoso quando, no final dos anos Noventa, do século XX, frequentei o Mestrado em História Medieval da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas do Universidade Nova de Lisboa. Muito embora, nesse período, José Mattoso já não lecionasse nenhum dos seminários e mantivesse exteriormente múltiplas responsabilidades, continuava presente na Faculdade, por via do acompanhamento de dissertações, de palestras, de aulas pontuais, apoiando globalmente o conjunto dos trabalhos que iam sendo desenvolvidos. Era, no fundo, uma figura tutelar do Mestrado, que, aliás, muito contribuiu para prestigiar. Note-se, contudo, que os seus múltiplos afazeres, responsabilidades e crescente visibilidade pública, amplificada pelos diversos prémios que, entretanto, foi recebendo, não o impediram de manter uma enorme disponibilidade para responder às nossas (muitas) dúvidas, perplexidades e hesitações quanto ao rumo das nossas investigações. Nunca é demais lembrar que, para nós, estudantes aprendizes de historiadores, todas as palavras

do Mestre, e os considerandos que as enquadravam, pesavam profundamente nas nossas reflexões e decisões, assumindo um imenso impacto no nosso trabalho. Sem querer fazer aqui qualquer tipo de balanço, que outros farão melhor do que eu, vale a pena dizer que sou daqueles que vivi em pleno a revolução que ocorreu na historiografia medieval portuguesa, para a qual José Mattoso teve um contributo inquestionável, recolocando problemáticas e metodologias a uma nova luz.

Ainda como estudante de licenciatura, lembro-me de ter como um dos meus objetivos ler toda a obra de Mattoso e de ter feito um esforço para tentar adquirir todos os livros que estavam disponíveis. Alguns comprei-os na Feira do Livro de Lisboa, na velha coleção da Editorial Estampa; Livros que li, reli e anotei, mantendo até hoje as dezenas de fichas de leitura que fui fazendo.

Seria despiciendo tentar medir o impacto que a obra do historiador teve na minha formação, mas não posso deixar de sublinhar dois aspetos, talvez colaterais, mas que retive das suas obras e da sua postura cívica, enquanto historiador, que mantenho como referência.

Uma prende-se com a Escrita da História, e sobretudo com a escrita da História Medieval, que, como o Historiador tão bem mostrou, é uma força imensa. Com Mattoso, aprendi a apreciar a clareza dos textos e a qualidade da escrita e (quase o diria) da narrativa, numa demonstração de que é possível aliar o rigor académico a uma escrita compreensível e acessível a um público mais alargado, que não exclusivamente de medievalistas. Um segundo aspeto, prende-se com o ofício de historiador e o papel que o mesmo deve assumir para o conjunto da comunidade.

Mattoso olhou para a história, e particularmente para a História Medieval, também como um meio que nos permite refletir sobre o que somos (e, no fundo, sobre o que queremos ser) como nação, não fugindo da intervenção em torno das questões que nos preocupam.

Por fim, dizer que tive o enorme privilégio de contar com a sua orientação técnica e o seu imenso saber para dar conta da inventariação do riquíssimo espólio dos fundos monástico-conventuais da Biblioteca Pública de Évora. Um trabalho que levei a cabo, conjuntamente com os historiadores João Luís Inglês Fontes e Filomena Andrade, que se encontra publicado em livro, pela Editora Colibri/Cidehus-Universidade de Évora, precisamente, com prefácio do professor José Mattoso.

Joaquim Bastos Serra, medievalista

Évora, 9 de julho de 2023

Depoimento de quem foi marcado pelo Professor Mattoso, mesmo sem o ter conhecido pessoalmente.

O desaparecimento de José Mattoso terá provocado uma reflexão sobre a sua influência em quase todos aqueles que fazem dos Estudos Medievais o seu ofício, ou neles têm um interesse especial. Em Portugal, mas também na Galiza e no cada vez consolidado meio medievalístico brasileiro, a obra de José Mattoso mantém-se como um marco, sendo uma leitura fundamental até nos aspetos em que poderá estar já datada. Deixando os balanços gerais para quem sabe mais, e os elogios para quem o conheceu melhor, posso recordar uma circunstância em que José Mattoso, sem nunca o saber, teve uma influência decisiva no meu percurso académico e científico. Em 2016, enquanto trabalhava como bolseiro do CIDEHUS em Évora, estava a começar a preparar um projeto de doutoramento para o concurso de bolsas que a FCT abriu nesse ano. Hesitando entre vários temas, pendia para um tema que estava longe de ser moda e recolhia poucos cultores em Portugal: a Peste Negra. Consciente do desafio, mas assustado pelas dificuldades que se adivinhavam e podiam conduzir a um parecer desfavorável por parte dos elementos do júri do concurso, cheguei a pender para uma continuidade do meu tema de mestrado e uma abordagem mais conservadora, mas também mais segura. Essa indecisão foi afastada quando o meu orientador, o Professor Luís Miguel Duarte, me disse que havia encontrado o Professor José Mattoso, e este lhe confessara que andava particularmente interessado num tema negligenciado pela historiografia portuguesa. Era esse mesmo, e toda a indecisão diluiu-se depois desse sinal. Não sei se José Mattoso chegou a ter conhecimento da tese que fiz sobre o tema. Mas é possível que ela nunca tivesse existido sem essa conversa casual com o meu orientador. Nunca conheci José Mattoso pessoalmente, mas a sua influência foi determinante no meu percurso, mesmo que de forma distinta daqueles que trabalharam os mesmos temas de eleição ou foram seus alunos ou orientandos. E por isso mesmo, encerro este testemunho com uma *petite histoire*: no já mencionado tempo como bolseiro do CIDEHUS, em 2016, vivendo em Évora de uma forma quase eremítica, guardava sempre alguns euros por mês para ir à Livraria Oliveira, o alfarrabista da cidade, em busca de alguns tesouros em conta. Numa dessas incursões, encontrei uma separata intitulada “La Espiritualidad Monástica durante la Edad Media”, pouco mais de uma centena de páginas de uma publicação da Universidad Pontificia de Salamanca. Por 0,50€, apoderei-me desse capítulo em separata, da autoria de José Mattoso, O.S.B. Nele havia uma pequena dedicatória autografada pelo autor, dirigida ao Monsenhor Filipe Mendeiros, membro do cabido eborense e reitor do Seminário Maior da mesma diocese, e datada do Porto, de 21 de junho de 1969. Guardo-a até hoje como um dos mais valiosos tesouros da minha biblioteca pessoal. Continuarei a fazer o mesmo com todo o conhecimento que nos legou.

Porto, 9 de Julho de 2023

André Filipe Oliveira da Silva

José Mattoso – breves apontamentos sobre um legado

Pertencço a uma geração cuja formação em história medieval foi plenamente feita num panorama historiográfico “pós-José Mattoso”. Significa isto que existia entre nós a noção da existência de um antes e de um depois dos trabalhos de José Mattoso na forma como se concebia o passado medieval. Apenas tive oportunidade de contactar pessoalmente com ele uma vez, quando simpaticamente aceitou participar num evento organizado pelo Núcleo de Estudantes de História, Arqueologia e Património Cultural da Universidade de Évora. Nessa ocasião tive a felicidade de moderar uma sessão composta por José Mattoso e por Filomena Barros, que precocemente nos deixou, o que na altura me suscitou o comentário – “já tive o poder de cortar a palavra ao Mattoso, dificilmente vou repetir o feito, talvez devesse ficar-me já por aqui”.

Como seria de esperar, muito se tem escrito e continuará a escrever sobre o legado de José Mattoso. Neste momento de evocação, não me interessa centrar tanto no seu contributo como medievalista, antes sim no seu papel mais abrangente como historiador, como cientista e pensador do social, e como cidadão. Este é, aliás, o primeiro ponto que quero destacar – a indissociabilidade entre estas duas dimensões, a historiográfica e a cívica. Formulando de outra maneira, a consciência de que o historiador, mesmo que dedicando o seu labor diário ao mais remoto passado, é sempre influenciado pelas condicionantes dos seus contextos e dos seus vários presentes, pelas dúvidas e interrogações que deles decorrem. Como tem sido frequentemente sublinhado, para Mattoso a história tinha uma dimensão contemplativa, mas essa contemplação não adquiria uma dimensão passiva; muito pelo contrário, o conhecimento devia traduzir-se em ação e intervenção. Não podemos esquecer que a questão geradora do ensaio Identificação de um País parte precisamente dos resultados das eleições de 1975.

De entre a vastíssima obra de José Mattoso, chamo a atenção para A Função Social da História no Mundo de Hoje. Este texto, não sendo uma das obras maiores do autor, facilmente passará despercebido entre as compilações que certamente se farão; reúne, no entanto, um conjunto de reflexões que, não obstante poderem estar já datadas, deveriam estar na mente de todos os historiadores.

O segundo aspeto do legado de José Mattoso que pretendo destacar relaciona-se com a sua leitura da identidade e do território portugueses. Partindo dos trabalhos de etnografia e de geografia que o precederam – mesmo que conhecida, não deixa de ser importante recordar a influência de Orlando Ribeiro –, Mattoso contribuiu para a desconstrução da crença na existência de um Portugal homogéneo do Norte ao Sul; ainda que também assinalasse a importância das estruturas estatais numa relativa homogeneização. Se essa visão se consuma já em Identificação de um País, veja-se, no entanto, como se traduz na obra de divulgação Portugal – O Sabor da Terra, resultado da colaboração com a geógrafa Suzanne Daveau e com o fotógrafo Duarte Belo. Cada

capítulo da edição mais recente desta publicação é dedicado a uma região (inicialmente eram volumes), à sua geografia e história, formando um mosaico de realidades socioculturais distintas.

A existência deste “mosaico” tem plena atualidade, num mundo globalizado que tende a criar a ilusão de um todo indiferenciado. No contexto nacional, num Portugal política e administrativamente centralizado, lamenta-se que as singularidades e especificidades das diferentes partes sejam por vezes esquecidas na procura de soluções. Neste sentido, seria salutar recuperar os ensinamentos de José Mattoso, entre outros, contribuindo a história – a par de outras áreas científicas – para a perceção dos elementos individualizadores, dando profundidade aos debates. De resto, a disponibilização da sua biblioteca em Mértola, vila onde viveu durante alguns anos, revela a importância do investimento nos territórios do interior – ou de baixa densidade, na nomenclatura mais atual.

Finalmente, gostaria de assinalar um último aspeto da obra de José Mattoso. Parece-me que a maior homenagem que podemos prestar aos nomes maiores da nossa historiografia não passa por conceber a sua obra como intocável. Também neste aspeto, a obra de Mattoso é um exemplo, pela forma como quebrou com os paradigmas anteriores de fazer história em Portugal, influenciado por correntes de pensamento internacionais; ainda que, verdade seja dita, e como o próprio admitiu em entrevista, nem sempre se revisse plenamente nelas. Porém, se a obra de José Mattoso significou um ponto de viragem, tal decorreu da sua própria crítica ao conhecimento produzido anteriormente. Esta atitude de renovação deve continuar a inspirar-nos a todos.

André Madruga Coelho

10/07/23

José Mattoso e a política para os Arquivos

José Mattoso (1933-2023), além de notável Medievalista, autor de uma vasta obra científica, *que faz dele um dos maiores historiadores portugueses do final do séc. XX*, teve um papel fundamental no campo dos arquivos. A democracia portuguesa demorou alguns anos até dar atenção a este setor. No início dos anos de 1980 estava quase tudo por fazer: as massas arquivísticas acumulavam-se caoticamente; as instalações de muitas instituições eram precárias e a inventariação demorava a fazer-se. Em 1988, José Mattoso contribuiu decisivamente para a mudança, ao assumir a presidência do Instituto Português de Arquivos (IPA), o primeiro organismo português que teve como objetivo planear e estabelecer um sistema nacional de arquivos e coordenar uma política arquivística integrada. Foram Teresa Gouveia, Secretária de Estado da Cultura, e José Mattoso que compreenderam a importância de dignificar os arquivos e destes estarem enquadrados numa direção-geral, criada para o efeito. O IPA manteve-se em funções até 1992. No ano seguinte, graças ao trabalho efetuado por José Mattoso no IPA, foi publicado o Decreto-Lei nº 16/93, de 23 de Janeiro, que estabeleceu um regime geral dos arquivos e do património arquivístico, um diploma fundador de uma verdadeira política arquivística no âmbito nacional. Globalmente, podemos destacar quatro aspetos fundamentais nos quais a marca de José Mattoso se fez sentir de forma indelével:

- 1). Deu relevo ao arquivista, e ao trabalho desenvolvido por este, contribuindo de forma decisiva para a dignificação da profissão. Até aí o arquivista era uma figura de segundo plano, subalternizado face ao historiador e ao professor universitário;
- 2). Perspetivou o arquivo nas suas diversas fases (corrente, intermédia e definitiva), dando importância ao arquivo como um todo. Exemplo disso foi a criação da Comissão para a Reforma e Reestruturação do Arquivo Nacional da Torre do Tombo, em 1987, em funcionamento até 1989, no âmbito da qual foi constituído um Grupo de Pré-Arquivagem;
- 3). Reagiu à carência de instrumentos de descrição documental que grassava em Portugal, inclusive na Torre do Tombo, acarretando entraves à pesquisa e não permitindo visões globais. É nessa linha que se aposta na criação e disponibilização destes instrumentos, dando prioridade aos guias e aos inventários. Disso é exemplo o Guia de Fontes para a História das Nações (coordenado em Portugal por Madalena Garcia, entre 1988-1992 e 1996-1998), delineado no âmbito da UNESCO e do Conselho Internacional de Arquivos (ICA). Foi também quando José Mattoso assumiu a direção do Instituto dos Arquivos Nacionais/Torre do Tombo, em 1996 (lugar que manteve até 1998), que se deu prioridade absoluta à elaboração do Guia Geral dos Fundos daquele arquivo (6 vols., 1998-2005), sob a coordenação de Maria do Carmo Dias Farinha. Esta obra possibilitou uma panorâmica de quase todos os fundos existentes na instituição e envolveu a reconstituição de alguns, com materiais dispersos, desagregadas do seu contexto de produção.

É também nesta dinâmica de tratamento arquivístico segundo princípios orgânico-funcionais, que foi criado o ARQBASE – uma ferramenta pioneira de descrição hierárquica dos documentos de arquivo, aplicável a todo o país, criada por Ana Franqueira, Madalena Garcia e Rafael António. Representou, igualmente, o início alargado da informatização dos arquivos, embora já existisse uma Comissão de Informatização da Torre do Tombo.

4). Reconheceu a importância da cooperação internacional e, por conseguinte, do contacto com o ICA, até aí quase inexistente. Em resumo, os anos de 1980 constituíram um período de viragem no que respeita aos Arquivos e o discreto protagonismo de José Mattoso neste pelouro foi decisivo.

Paulo Batista

Fernanda Olival

A Biblioteca José Mattoso em pleno Sul

Decorria o ano de 2010 quando pela primeira vez me reuni com o Professor José Mattoso, na sua biblioteca pessoal, situada na Horta da Malhadinha, em Mértola. Em conjunto com os restantes colegas de equipa, procurávamos conhecer a Biblioteca José Mattoso, doada ao Campo Arqueológico de Mértola (CAM) em 1997, sob a perspectiva do seu próprio criador. Iríamos iniciar o tratamento bibliográfico de cerca de doze mil volumes e pretendíamos articular, da forma mais harmoniosa possível, a organização intelectual que deu origem à sua biblioteca e as normas e práticas em biblioteconomia. José Mattoso relatou-nos que a biblioteca teve por génese a paixão pelos livros e a curiosidade intelectual de António Gonçalves Mattoso e que a mesma foi fundamental no decorrer da sua formação académica. Após o falecimento do seu pai e a posterior divisão da biblioteca entre os herdeiros, José Mattoso reteve sobretudo os títulos relativos à história medieval. Esta coleção, que foi sendo constantemente actualizada até à década de 90, acompanhou José Mattoso na sua ida a Mértola em 1991, ficando instalada até hoje na Horta da Malhadinha.

Das razões que contribuíram para a decisão da doação ao CAM podemos referir, desde logo, a admiração pelo trabalho aí desenvolvido ao longo das últimas quatro décadas sob a liderança e inspiração de Cláudio Torres, diretor do CAM, e o desejo de contribuir para o desenvolvimento da atividade científica e cultural desta instituição. Em 2017, José Mattoso reforçava a sua ideia inicial: *“esperava que a junção dos dois equipamentos [Biblioteca José Mattoso e Biblioteca do CAM] facilitasse o estudo da tese exposta na **Identificação de um país**, isto é, que a identidade de Portugal como Nação resulta, em última análise, da associação progressivamente determinante do Norte cristão com o Sul muçulmano (simplificação simbólica do processo de “composição” ainda hoje em curso, apesar das suas alterações, vicissitudes e desvios). O CAM, com muito trabalho feito sobre a herança islâmica do Portugal meridional, trataria do Sul; a BJM ocupar-se-ia do Norte”*.

Embora cientes da dificuldade de acesso à sua biblioteca (longe dos meios académicos) esperamos que a mesma contribua para o desenvolvimento intelectual da região (e em última análise do país), do mesmo modo que durante décadas serviu para o enriquecimento pessoal e profissional do seu anterior proprietário.

Paula Rosa



Biblioteca José Mattoso – exterior e interior (piso superior)